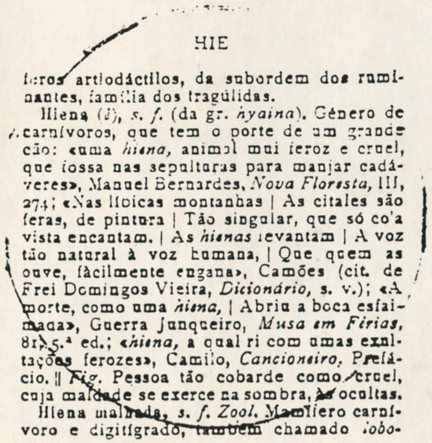
Colecção Cão Vagabundo 16

1 — HENRY MILLER
O Sorriso aos pés da escada
2 — BORIS VIAN
A mais baixa das profissões
3 — JAMES JOYCE
Giacomo Joyce
4 — MARGUERITE DURAS
O homem sentado no corredor
5 — OCTAVIO PAZ
Águia ou Sol?
6 — T. S. ELIOT
Quarta-feira de cinzas
7 — SAMUEL BECKETT
O primeiro amor
8 — HENRY MILLER
O tempo dos assassinos
9 — VICENTE HUIDOBRO
Natureza viva
10 — SAINT-JOHN PERSE
Pássaros
11 — JULES LAFORGUE
Hamlet, ou as consequências da piedade filial
12 — GEORG BÜCHNER
Lenz
13 — FRANCIS PONGE
O caderno do pinhal
14 — GIUSEPPE UNGARETTI
Vida de um homem
15 — JEAN COCTEAU
"Toro" ritual de amor e morte
16 — TRISTAN TZARA
Sete Manifestos Dada



HIE

feros artiodáctilos, da subordem dos ruminantes, família dos tragúlidas.

Hiena (*i*), *s. f.* (da gr. *hyaina*). Género de carnívoros, que tem o porte de um grande cão: «uma *hiena*, animal mui feroz e cruel, que fossa nas sepulturas para manjar cadáveres», Manuel Bernardes, *Nova Floresta*, III, 274; «Nas líbicas montanhas | As citales são feras, de pintura | Tão singular, que só co'a vista encantam. | As *hienas* levantam | A voz tão natural à voz humana, | Que quem as ouve, fàcilmente engana», Camões (cit. de Frei Domingos Vieira, *Dicionário*, s. v.); «A morte, como uma *hiena*, | Abriu a boca esfaimada», Guerra Junqueiro, *Musa em Férias*, 81, 5.ª ed.; «*hiena*, a qual ri com umas exultações ferozes», Camilo, *Cancioneiro*, Prefácio. || *Fig.* Pessoa tão cobarde como cruel, cuja maldade se exerce na sombra, às ocultas.

Hiena malhada, *s. f. Zool.* Mamífero carnívoro e digitígrado, também chamado *lobo-*

Colecção Cão Vagabundo 16

Sete Manifestos Dada

TRISTAN TZARA

TRISTAN
TZARA

SETE MANIFESTOS
DADA

MANIFESTOS
SETE

HIENA EDITORA

TRISTAN TZARA
Sete Manifestos Dada

Tradução de
JOSÉ MIRANDA JUSTO

Desenhos de
FRANCIS PICABIA

HIENA EDITORA
Apartado 2481
1112 LISBOA CODEX

Título Original
SEPT MANIFESTES DADA

Autor
TRISTAN TZARA

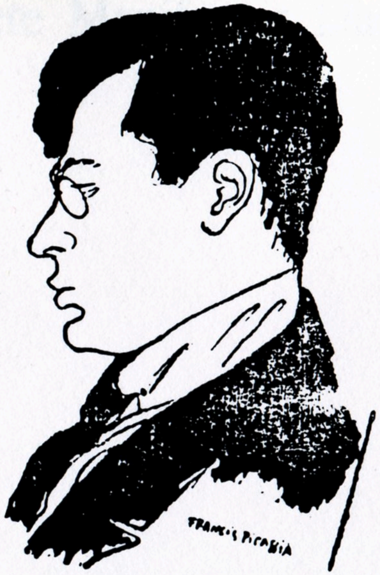
Tradução e Pastiche anexo de
JOSÉ MIRANDA JUSTO

Capa de
AUGUSTO T. DIAS

Composição de
ESTER DE ALMEIDA SANTOS
EDICOMP, Fotocomposição, Lda.

© JEAN-JACQUES PAUVERT, 1963

Tiragem de 1000 exemplares
Lisboa, Abril de 1987



Os Sete Manifestos DADA *foram publicados pela primeira vez em conjunto e sob a forma de volume em 1924, nas Edições Jean Budry, com os desenhos de Francis Picabia que a presente edição também reproduz.*

O Manifesto do Senhor Antipyrina *foi lido no 14 de Julho de 1916 numa sessão organizada em Zurique. O* Manifesto DADA 1918 *foi lido no dia 23 de Março de 1918, igualmente em Zurique. A* Proclamação sem Pretensão *foi lida a 8 de Abril do ano seguinte na mesma cidade. Já em Paris, numa auto-denominada Universidade Popular, a 18 de Fevereiro de 1920, Tzara leu parte do* Manifesto do Senhor AA o Antifilósofo *e o resto na Sala Gaveau, no dia 22 de Maio desse ano. O* Manifesto sobre o Amor Débil e o Amor Amargo *foi tornado público na Galeria Povolotzky de Paris no dia 12 de Dezembro de 1920 e o* Anexo *no mesmo local, uma semana depois.*

Sete Manifestos Dada

MANIFESTO DO SENHOR ANTIPYRINA

DADA é a nossa intensidade: que ergue as baionetas sem consequência a cabeça sumatral do bébé alemão; Dada é a vida sem pantufas nem paralelos; que é contra e a favor da unidade e decididamente contra o futuro; sabemos sabiamente que os nossos cérebros se hão-de tornar almofadas macias, que o nosso antidogmatismo é tão exclusivista como o funcionário e que não somos livres e gritamos liberdade; necessidade severa sem disciplina nem moral e cuspimos na humanidade.

DADA permanece dentro do quadro europeu das fraquezas, continua a ser merda, mas doravante queremos cagar em cores variadas para ornar o jardim zoológico da arte com todas as bandeiras dos consulados.

Somos directores de circo e apitamos por entre os ventos das feiras, pelos conventos, prostituições, teatros, realidades, sentimentos, restaurantes, ohi oho, bang, bang.

Declaramos que o automóvel é um sentimento que nos deu mimo bastante nas lentidões das suas abstracções como os transatlânticos, os barulhos e as ideias. No entanto exteriorizamos a facilidade, procuramos a essência central e ficamos contentes se conseguimos escondê-la; não queremos contar as janelas da elite maravilhosa porque DADA não existe para ninguém e queremos que toda a gente entenda isto. Aqui está a varanda de Dada, garanto-vos. Donde se podem ouvir as marchas militares e descer cortando o ar como um serafim para dentro dum banho popular para mijar e compreender a parábola.

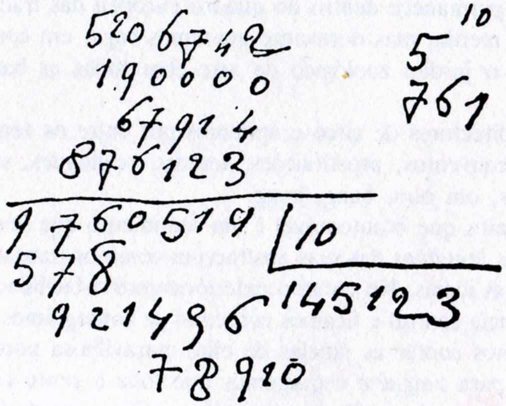
DADA não é loucura, nem sabedoria, nem ironia, olha-me, simpático burguês.

A arte era um jogo avelã, as crianças juntavam as palavras que têm um repenicar no final, depois choravam e gritavam a estrofe, e calçavam-lhe as botinas das bonecas e a estrofe fez-se rainha para morrer um bocadinho e a rainha fez-se baleia, as crianças corriam até perder o fôlego.

Depois vieram os grandes embaixadores do sentimento que gritaram historicamente em coro:

Psicologia Psicologia hihi
Ciência Ciência Ciência
Viva a França
Nós não somos ingénuos
Nós somos sucessivos
Nós somos exclusivos
Nós não somos simples
e sabemos muito bem discutir a inteligência.

Mas nós, DADA, não somos da opinião deles, porque a arte não é séria, garanto-vos, e se apontamos o crime para doutamente dizer ventilador, é para vos dar prazer, bons ouvintes, amo-vos tanto, garanto-vos e adoro-vos.



MANIFESTO DADA 1918

A magia duma palavra — DADA — que pôs os jornalistas diante da porta dum mundo imprevisto, não tem para nós importância nenhuma.

Para lançar um manifesto é preciso querer: A.B.C., disparar contra 1, 2, 3,

enervar-se e aguçar as asas para conquistar e espalhar pequenos e grandes a, b, c, assinar, gritar, jurar, arranjar a prosa segundo uma forma de evidência absoluta, irrefutável, provar o seu non-plus-ultra e sustentar que a novidade se assemelha à vida do mesmo modo que a última aparição duma cocotte prova o essencial de Deus. Essa existência já foi provada pelo acordeão, pela paisagem e pela fala doce. ⁂ Impor o seu A.B.C. é uma coisa natural, — portanto lamentável. Toda a gente o faz sob a forma de cristalbluffmadona, sistema monetário, produto farmacêutico, perna nua convidando à primavera ardente e estéril. O amor da novidade é a cruz simpática, mostra um estar-senastintas, ingénuo, sinal sem causa, passageiro, positivo. Mas esse desejo também está velho. Ao dar à arte o impulso da suprema simplicidade: novidade, está-se a ser humano e verdadeiro para com o divertimento, impulsivo, vibrante para crucificar o tédio. No cruzamento das luzes, alerta, atento, à espreita dos anos, na floresta. ⁂

Escrevo um manifesto e não quero nada, digo contudo certas coisas e sou por princípio contra os manifestos, tal como sou contra os princípios (decilitros para o valor moral de qualquer frase — demasiada comodidade; a aproximação foi inventada pelos impressionistas). ⁂ Escrevo este manifesto para mostrar que as acções opostas podem ser feitas conjuntamente, numa só respiração fresca; sou contra a acção, pela contradição contínua, também sou pela afirmação, não sou nem a favor nem contra e não explico, porque odeio o bom senso.

DADA — eis uma palavra que leva as ideias à caça; cada burguês é um dramaturgosinho, inventa tiradas diferentes em vez de colocar as personagens convenientes ao nível da sua inteligência, crisálidas nas cadeiras, procura as causas ou os fins (segundo o método psicanalítico que praticar) para cimentar a intriga, história que fala e que se define. ⁂ Cada espectador é um intriguista logo que tenta explicar uma palavra (conhecer!). Do refúgio estofado das complicações serpentinas, dá os seus instintos a manipular. Daí os infortúnios da vida conjugal.

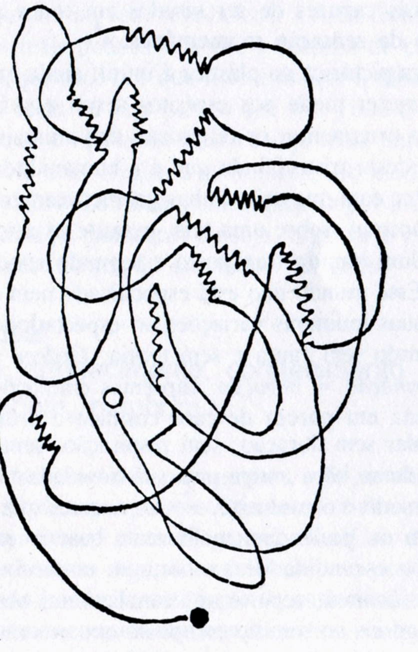
Explicar: divertimento dos barrigasvermelhas nos moinhos dos crânios vazios.

DADA NÃO SIGNIFICA NADA

Se se acha fútil e se não se perde tempo com uma palavra que não significa nada... O primeiro pensamento que gira dentro destas cabeças é de ordem bactereológica: encontrar-lhe a origem etimológica, histórica ou psicológica, pelo menos. Fica-se a saber pelos jornais que os negros Kru chamam à cauda duma vaca santa: DADA. O cubo e a mãe numa certa região da Itália: DADA. Um cavalo de pau, a ama de leite, dupla afirmação em russo e em romeno: DADA. Há sapientes jornalistas que vêem nela uma arte para os bébés e há outros santos que jesuschamandoascriancinhas do dia vêem nela o retorno a um primitivismo seco e estrondoso, estrondoso e monótono. Não se constrói sobre uma palavra a sensibilidade; qualquer construção converge para a perfeição que aborrece, ideia estagnada dum pântano dourado, produto humano, relativo. A obra de arte não deve ser a beleza em si mesma, porque ela morreu; nem alegre nem triste, nem clara nem obscura, alegrar ou maltratar as individualidades servindo-lhes os bolos das auréolas santas ou os suores duma corrida em círculo através das atmosferas. Uma obra de arte nunca é bela, por decreto, objectivamente, para toda a gente. A crítica é portanto inútil, só existe subjectivamente, para cada um, e sem o mínimo carácter de generalidade. Será que se acredita que se encontrou a base psíquica comum a toda a humanidade? A tentativa de Jesus e a bíblia cobrem com as suas asas largas e benevolentes: a merda, as bestas, os dias.

Como é que se pretende ordenar o caos que constitui esta infinita informe variação: o homem? O princípio: "amarás o teu próximo" é uma hipocrisia. "Conhece-te" é uma utopia mas mais aceitável porque contém em si a maldade. Há que não ter piedade. Depois da carnificina resta-nos a esperança duma humanidade purificada. Continuo a falar de mim já que não quero convencer, não tenho o direito de arrastar os outros para o meu rio, não obrigo ninguém a seguir-me e toda a gente faz a sua arte à sua maneira se conhece a alegria a subir como as flechas em direcção às camadas astrais ou a que desce às minas das flores dos cadáveres e dos espasmos férteis. Estalactites: procurá-las por todo o lado, nas manjedouras aumentadas pela dor, olhos brancos como os láparos dos anjos. Assim nasceu DADA * duma necessidade de independência, de desconfiança em relação à comunidade. Quem é dos nossos conserva a sua liberdade. Não reconhecemos teoria nenhuma. Estamos fartos das academias cubistas e futuristas: laboratórios de ideias formais. Ou será que se faz arte para ganhar dinheiro e para fazer festas aos simpáticos burgueses? As rimas soam à assonância das moedas e a inflexão desliza ao longo da linha do ventre, de perfil. Cavalgando cometas diversos todos os agrupamentos de artistas conduziram a esse banco. Porta aberta às possibilidades de se espojarem nas almofadas e na comida.

Aqui, lançamos âncora na terra gordurosa.



---

* Em 1916, no *Cabaret Voltaire* em Zurique.

Aqui, temos o direito de proclamar porque conhecemos os estremecimentos e o despertar. Nós, os ressuscitados ébrios de energia, cravamos o tridente na carne despreocupada. Somos jorros de maldições em abundância trópica de vegetações vertiginosas, borracha e chuva são o nosso suor, sangramos e queimamos a sede, o nosso sangue é vigor.

O cubismo nasceu simplesmente da maneira de olhar o objecto: Cézanne pintava uma chávena 20 centímetros abaixo dos olhos, os cubistas olham-na por cima e há outros que complicam a aparência fazendo uma secção perpencidular que colocam ao lado com sabedoria. (Não me esqueço dos criadores nem das grandes razões da matéria que eles tornaram definitivas.) ⁂ O futurista vê a mesma chávena em movimento, uma sucessão de objectos maliciosamente ornamentada com algumas linhas de força. Isto não impede que a tela seja uma pintura boa ou má destinada à colocação dos capitais intelectuais. O novo pintor cria um mundo cujos elementos são também os meios, uma obra sóbria e definida, sem argumento. O novo artista protesta: já não pinta (reprodução simbólica e ilusionista) mas cria directamente em pedra, madeira, ferro, estanho, verdadeiros rochedos, organismos locomotivas capazes de ser virados em todas as direcções pelo vento límpido da sensação momentânea. ⁂

Toda a obra pictórica ou plástica é inútil; ainda que seja um monstro capaz de meter medo aos espíritos servis e suficientemente não adocicada para ornamentar os refeitórios dos animais vestidos de gente, ilustrações desta triste fábula que é a humanidade. — Um quadro é a arte de fazer com que duas linhas geometricamente verificadas paralelas se encontrem, sobre uma tela, perante os nossos olhos, dentro da realidade dum mundo transposto e segundo condições e possibilidades novas. Esse mundo não está especificado nem definido na obra, pertence nas suas inúmeras variações ao espectador. Para o seu criador, é um mundo sem causa e sem teoria. *Ordem = desordem; eu = não-eu; afirmação = negação:* supremas cintilações duma arte absoluta. Absoluta em pureza de caos cósmico e ordenada, eterna no segundo globular sem duração, sem respiração, sem luz, sem controlo. ⁂ Gosto duma obra antiga pela sua novidade. A única coisa que nos liga ao passado é o contraste. ⁂ Os autores que ensinam a moral e que discutem ou pretendem melhorar a base psicológica têm, para além do desejo escondido de ganhar, um conhecimento ridículo da vida, que classificaram, repartiram, canalizaram; obstinam-se em ver dançar as categorias ao som do compasso que marcam. Os respectivos leitores sorriem e continuam: para quê?

Há uma literatura que não chega à massa voraz. Obra de criadores, produzida por uma verdadeira necessidade do autor e para si próprio. Conhecimento dum egoísmo supremo, em que as leis estiolam. ⁂ Cada página tem que explodir, ou pela seriedade profunda e pesada, pelo turbilhão, a vertigem, o novo, o eterno, pela blague demolidora, pelo entusiasmo dos princípios, ou pela maneira como for impressa. Temos assim um mundo vacilante em fuga, noivo dos guizos da escala infernal; e temos, do outro lado: homens novos. Rudes, saltitantes, cavaleiros de soluços. Eis um mundo mutilado e os medicastros literários obstinados em melhorá-lo.

Digo-vos: não há princípio e não trememos, não somos sentimentais. Rasgamos, vento furioso, o pano das nuvens e das rezas e preparamos o grande espectáculo do desastre, o incêndio, a decomposição. Preparamos a supressão do luto e substituimos as lágrimas pelas sirenes dirigidas de continente a continente. Pavilhões de intensa alegria e viúvos da tristeza do veneno. ⁂ DADA é o letreiro da abstracção; o anúncio e os negócios também são elementos poéticos.

Destruo as gavetas do cérebro e as da organização social: desmoralizar por toda a parte e lançar a mão do céu até ao inferno, levantar os olhos do inferno até ao céu, restabelecer a roda fecunda dum circo universal sobre os reais poderes e sobre a fantasia de cada indivíduo.

A filosofia é a questão: por que lado começar a olhar para a vida, para deus, para a ideia ou seja para o que foi. Tudo o que se olha é falso. Não julgo que o resultado relativo seja mais importante que a escolha entre o bolo e as cerejas à sobremesa. Ao modo de olhar rapidamente para o outro lado duma coisa, para impor indirectamente a nossa opinião, chama-se dialéctica, ou seja, regatear o espírito das batatas fritas dançando o método em redor. Se grito:

Ideal, ideal, ideal
Conhecimento, conhecimento, conhecimento
Bumbum, bumbum, bumbum,

registei com bastante exactidão o progresso, a lei, a moral e todas as demais qualidades belas que pessoas diferentes muito inteligentes discutiram em tantos livros, para chegarem, afinal, a dizer que seja como fôr cada um dançou segundo o seu bumbum pessoal e que tem razão quanto ao seu bumbum, satisfação da curiosidade doentia; campainha privada para necessidades inexplicáveis; banho; dificuldades pecuniárias; estômago com repercussão sobre a vida; autoridade da batuta mística formulada à maneira de aroma de orquestra-fantasma de arcos mudos, untados com filtros à base de amoníaco animal. Com o lorgnon azul dum anjo escavaram as fossas pelo interior a troco de vinte paus de reconhecimento unânime. ⁂ Se todos têm razão e se as pétalas nunca deixam de ser Pink, tratemos de não ter razão, por uma vez. ⁂ Acredita-se ser possível explicar racionalmente, pelo pensamento, o que se escreve. Mas é muito relativo. O pensamento é uma coisa óptima para a filosofia, mas é relativo. A psicanálise é uma doença perigosa, adormece os pendores anti-reais do homem e sistematiza a burguesia. Não existe Verdade última. A dialéctica é uma máquina divertida que nos conduz / dum modo banal / às opiniões que teríamos tido de qualquer forma. Haverá alguém que acredite ter demonstrado a verdade e estabelecido a exactidão das suas opiniões pelo refinamento da lógica? A lógica apertada pelos sentidos é uma doença orgânica. Os filósofos gostam de acrescentar a este elemento: A capacidade de observar. Mas precisamente essa magnífica qualidade do espírito é a prova da sua impotência. Observa-se, olha-se de um ou de vários ângulos, escolhem-se os pontos de vista de entre os milhões que há. A experiência também é um resultado do acaso e das faculdades individuais. ⁂ A ciência repugna-me a partir do momento em que se torna especulativa-sistema, perde o carácter de utilidade — tão inútil — mas pelo menos individual. Detesto a objectividade gordurosa e a harmonia, a ciência que encontra tudo certo. Continuem, meus filhos, humanidade... A ciência diz que somos os servidores da natureza: está tudo certo, façam amor e partam a cabeça. Continuem, meus filhos, humanidade, burgueses amáveis e jornalistas virgens... ⁂ Sou contra os sistemas, o mais aceitável dos sistemas é o de, por princípio, não ter nenhum. Completar-se, aperfeiçoar-se dentro da pequenez própria até encher o vaso do eu, coragem de combater a favor e contra o pensamento, mistério do pão explosão súbita duma hélice infernal em lírios económicos:

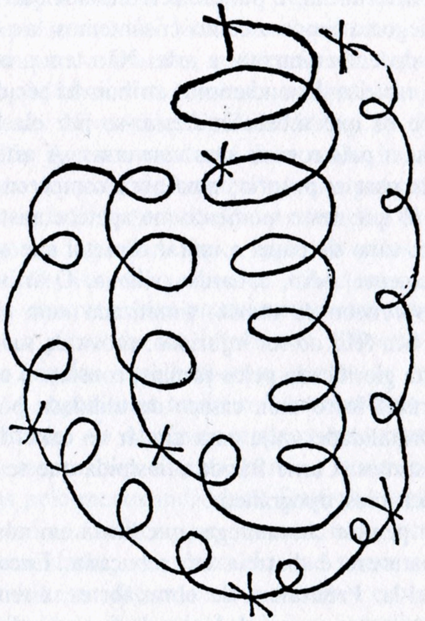
A ESPONTANEIDADE DADAISTA

Chamo estou-menastintismo ao estado de vida em que cada qual mantém as suas próprias condições, sabendo contudo respeitar as outras individualidades, sem deixar de se defender, tornando-se o two-step hino nacional, loja de bric-à-brac, o telefone sem fios T.S.F. a transmitir as fugas de Bach, reclamos luminosos e cartazes para os bordéis, o órgão a difundir cravos para Deus, tudo ao mesmo tempo, e realmente, substituindo a fotografia e o catecismo unilateral.
A simplicidade activa.

A impotência para discernir os graus de clareza: lamber a penumbra e flutuar dentro da grande boca cheia de mel e excremento. Avaliada à escala da Eternidade, toda e qualquer acção é vã — (se deixarmos o pensamento entrar numa aventura cujo resultado há-de ser infinitamente grotesco — dado importante para o conhecimento da impotência humana). Mas se a vida é uma farsa de má qualidade, sem objectivo nem parto inicial, e porque acreditamos que devemos safar-mo-nos desse negócio limpos, como crisântemos lavados, proclamámos base única do entendimento: a arte. Não tem a importância que nós, lateiros do espírito lhe andamos a atribuir há séculos. A arte não aflige ninguém e os que sabem interessar-se por ela hão-de receber carícias e povoar o país com as suas conversas. A arte é coisa privada, o artista fala para si próprio; uma obra compreensível é produto de jornalista e, já que neste momento me apetece misturar o monstro na tinta de óleo: tubo de papel a imitar o metal que se aperta e despeja automaticamente, ódio, cobardia, vilania. O artista, o poeta regozija-se com o veneno da massa, sintetizada num chefe de secção desta indústria, fica feliz ao ser injuriado: prova da sua imutabilidade. O autor, o artista glorificado pelos jornais, constata a compreensão da sua obra: miserável forro dum casaco de utilidade pública; andrajos que cobrem a brutalidade, mija para ajudar ao calor dum animal que choca baixos instintos. Carne flácida e insípida que se multiplica com a ajuda dos micróbios tipográficos.

Sacudimos o pendor choramingas que havia em nós. Qualquer filtragem dessa natureza é diarreia em rebuçado. Encorajar esta arte quer dizer digeri-la. Precisamos de obras fortes, direitas, rigorosas e incompreendidas para sempre. A lógica é uma complicação. A lógica é sempre falsa. Puxa pelos fios das noções, palavras, no seu exterior formal, em direcção a extremidades e centros ilusórios. As cadeias da lógica matam, miriápode enorme asfixiando a independência. Casada com a lógica, a arte viveria em incesto, abocanhando, engolindo a sua própria cauda, parte do seu corpo, fornicando consigo mesma e o temperamento tornar-se-ia um pesadelo envolvido no alcatrão do protestantismo, um monumento, um monte de intestinos grisalhos e pesadões.

Mas a agilidade, o entusiasmo e mesmo a alegria da injustiça, essa pequena verdade que praticamos inocentes e que nos torna belos: somos finos e os nossos dedos são maleáveis e deslizam como os ramos dessa planta insinuante e quase líquida; define-nos a alma, dizem os cínicos. Também é um ponto de vista; mas nem todas as flores são santas, felizmente, e o que há em nós de divino é o despertar da acção anti-humana. Trata-se aqui duma flor de papel para a botoeira dos senhores que frequentam o baile da vida mascarada, cozinha da graça, brancas primas ágeis ou gordas. Senhores que traficam com o que nós seleccionamos. Contradição e unidade das polaridades num só jacto, podem ser verdade. Pelo menos, se se insiste em pronunciar esta banalidade, apêndice duma moralidade libidinosa, mal cheirosa. A moral atrofia como qualquer praga produto da inteligência. O controlo da moral e da lógica infligiram-nos a impassibilidade perante os agentes da polícia — causa da escravatura — ratazanas pútridas de que os burgueses têm a barriga cheia e que infectaram os únicos corredores de vidro, claros e limpos, que restavam abertos aos artistas.



Que cada homem grite: há uma grande tarefa destrutiva, negativa, a cumprir. Varrer, limpar. A limpeza do indivíduo afirma-se após o estado de loucura, de loucura agressiva, completa, dum mundo deixado entre as mãos dos bandidos que rasgam e destroem os séculos. Sem finalidade nem plano, sem organização: a loucura indomesticável, a decomposição. Os fortes pela palavra ou pela força sobreviverão, pois são vivos na defesa, a agilidade dos membros e dos sentimentos arde-lhes nos flancos facetados.

A moral determinou a caridade e a piedade, duas bolas de sebo que cresceram como elefantes, como planetas, e a que chamam boas. Nada têm de bondade. A bondade é lúcida, clara e decidida, impiedosa com o compromisso e com a política. A moralidade é a infusão de chocolate nas veias de todos os homens. Esta tarefa não nos é imposta por uma força sobrenatural, mas sim pelo trust dos comerciantes de ideias e dos açambarcadores universitários. Sentimentalismo: ao verem um grupo de homens que discutem e se enfastiam inventaram o calendário e o medicamento sabedoria. Colando etiquetas, desencadeou-se a batalha dos filósofos (mercantilismo, balancete, medições meticulosas e mesquinhas) e compreendeu-se uma vez mais que a piedade é um sentimento, como a diarreia em relação à repugnância que arruina a saúde, a tarefa imunda das carcaças apostadas em comprometer o sol.

Proclamo a oposição de todas as faculdades cósmicas a essa blenorragia dum sol pútrido saído das fábricas do pensamento filosófico, a luta encarniçada, com todos os meios da

REPUGNÂNCIA DADAISTA

Todo e qualquer produto da repugnância susceptível de se tornar negação da família é *dada*; protesto de punhos cerrados de todo o ser em acção destrutiva: **DADA**; conhecimento de todos os meios até hoje rejeitados pelo sexo púdico do compromisso cómodo e da delicadeza: DADA; abolição da lógica, a dança dos impotentes da criação: *DADA*; de todas as hierarquias e equações sociais instaladas pelos nossos lacaios com vista aos valores: DADA; cada objecto, todos os objectos, os sentimentos e as obscuridades, as aparições e o choque rigoroso das linhas paralelas constituem meios para o combate: DADA; abolição da memória DADA; abolição da arqueologia: *DADA;* abolição dos profetas: ***DADA***; ablição do futuro: DADA; crença absoluta e indiscutível em todo o deus que seja produto imediato da espontaneidade: DADA; salto elegante e sem prejuízo duma harmonia para a outra esfera; trajectória duma palavra lançada como um disco sonoro grito; respeitar todas as individualidades na sua loucura do momento: séria, receosa, tímida, ardente, vigorosa, decidida, entusiasta; descascar a igreja pessoal de todos acessórios inúteis e pesados; cuspir como uma cascata luminosa o pensamento desagradável ou apaixonado ou afagá-lo — com a grande satisfação de que tanto faz — com a mesma intensidade no matagal da alma, puro de insectos para o sangue bem nascido e dourado de corpos de arcanjos, da alma. Liberdade: **DADA DADA DADA**, rugido das dores crispadas, abraço dos contrários e de todas as contradições, dos grotescos, das inconsequências: A VIDA.

PROCLAMAÇÃO SEM PRETENSÃO

A arte adormece para o nascimento do mundo novo "ARTE" — *palavra papagaio* — substituída por **DADA, PLESIOSÁURIO,** ou **lenço**

O talento QUE SE PODE APRENDER *faz do poeta um droguista* HOJE *a crítica balança já não lança semelhanças*

Hipertróficos pintores hiperestesiados e hipnotizados pelos hiacintos dos almuadens de aparência hipócrita

CONSOLIDEM A RECOLHA EXACTA DOS CÁLCULOS

HIPÓDROMO DAS GARANTIAS IMORTAIS: *Não tem importância nenhuma não há transparência nem aparência*

MÚSICOS PARTAM OS VOSSOS INSTRUMENTOS CEGOS em cena

A **SERINGA** *serve apenas para o meu entendimento.* ***Escrevo porque é natural como mijo como fico doente***

A arte precisa duma operação

A arte é uma *PRETENSÃO* aquecida na TIMIDEZ do bacio, **a histeria** nascida no **atelier**

Procuramos a força **direita pura sóbria única** não procuramos **NADA** afirmamos a **VITALIDADE** de cada **instante**

a anti-filosofia das acrobacias espontâneas

Neste momento odeio o homem que cochicha antes do intervalo — água de colónia — teatro acre. **O VENTO ÁLACRE.**

SE CADA QUAL DIZ O CONTRÁRIO É PORQUE TEM RAZÃO

Preparem a acção do géiser do nosso sangue — formação sub-marina de aviões transcromáticos, metais celulares e cifrados no salto das imagens

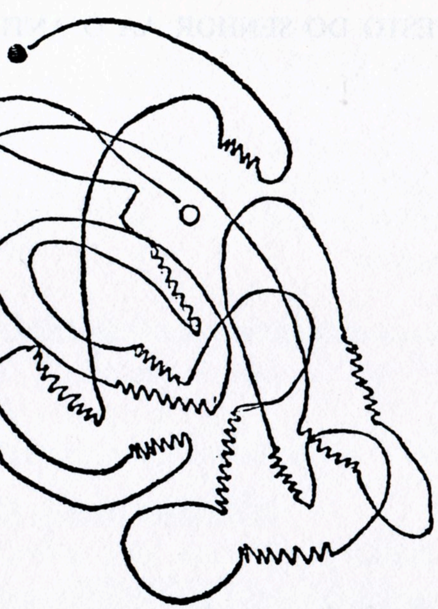
por cima dos regulamentos do

Belo e do respectivo controlo

Isto não é para os abortos que continuam a adorar o umbigo

MANIFESTO DO SENHOR AA O ANTIFILÓSOFO

sem a investigação do eu te adoro
que é um boxeur francês
valores marítimos irregulares como a depressão de Dada no sangue do bicéfalo
deslizo por entre a morte e os fosfatos indecisos
que arranham um bocadinho o cérebro comum dos poetas
dadaistas
felizmente
porque
ouro
mina
as tarifas e a vida cara levaram-me a decidir abandonar os D
não é verdade que os falsos dadas mos tenham
arrancado visto que
o reembolso começará a partir de
e temos assim de que chorar o nada que se chama nada
e varri a doença na alfândega
eu carapaça e guarda-chuva do cérebro entre o meio-dia e as
duas da assinatura
supersticiosa soltando as engrenagens
do ballet espermatozóide que se encontra em



ensaio geral nos corações de todos os indivíduos suspeitos
como-vos um bocadinho dos dedos
pago-vos a renovação da assinatura para o amor em
celulóide que range como as portas de metal
e vocês são uns idiotas
hei-de voltar como a vossa urina renascente à alegria de viver o vento parteiro
e fundo um lar para sustentadores de poetas
e torno a voltar para repetir tudo
e vocês são todos uns idiotas
e a chave do selfcleptómano só funciona com
azeite crepuscular
em cima de cada nó de cada máquina está o nariz
dum recém-nascido
e somos todos uns idiotas
e fortemente suspeitos duma nova forma de inteligência e duma nova lógica à maneira de
nós mesmos

que não é nada Dada
e vocês deixam-se levar pelo Aaismo
e vocês são todos uns idiotas
uns cataplasmas
de álcool soporífero purificado
ligaduras
e uns idiotas
virgens

TRISTAN TZARA

Olhem bem para mim!
Sou idiota, sou um farsante, sou um aldrabão.
Olhem bem para mim!
Sou feio, o meu rosto não tem expressão, sou baixo.
Sou igual a todos vocês! *

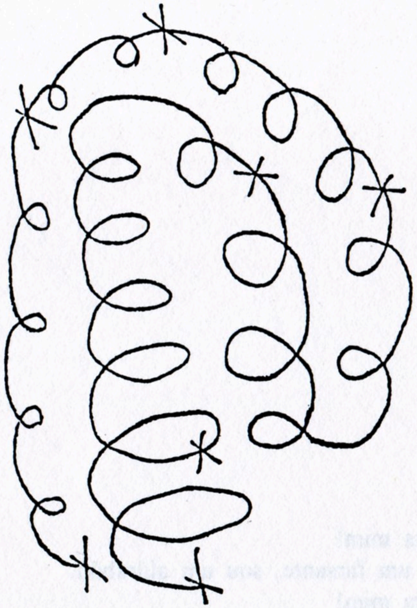
Mas interroguem-se, antes de olhar para mim, se a íris por onde me mandam flechas de sentimento líquido não é caca de mosca, se os olhos da vossa barriga não são secções de tumores cujos olhares hão-de sair um dia por uma parte qualquer do vosso corpo sob a forma de corrimento blenorrágico.

Vocês vêem com o umbigo — porque é que lhe escondem o espectáculo ridículo que lhe oferecemos? E, mais abaixo, sexos de mulheres, com dentes, engolem tudo — a poesia da eternidade, o amor, o amor puro, naturalmente — os bifes em sangue e a pintura a óleo. Todos os que olham e compreendem arrumam-se facilmente entre a poesia e o amor, entre o bife e a pintura. Hão-de ser digeridos, hão-de ser digeridos. Acusaram-me recentemente dum roubo de peles. Possivelmente porque julgaram que eu ainda fazia parte dos poetas. Parte desses poetas que satisfazem as suas legítimas necessidades de onanis-

---

* Só queria fazer um bocadinho de propaganda de mim mesmo.

mo frio dentro de peles quentes: *Hahu*, eu conheço outros prazeres, tão platónicos como esse. Chamem a família ao telefone e mijem no buraco reservado às parvoíces musicais gastronómicas e sagradas.



DADA propõe 2 soluções:

ACABAR COM OS OLHARES!
ACABAR COM AS PALAVRAS![*]

Parem de olhar!
Parem de falar!

Porque eu, camaleão transformação infiltração de atitudes cómodas — opiniões multicores para todas as ocasiões dimensões e preços faço o contrário do que proponho aos outros[**]

esqueci-me duma coisa:

onde? porquê? como?
ou seja:

---

[*] Acabar com os manifestos.

[**] Às vezes.

ventilador de exemplos frios servirá de cavalgada à serpente frágil e nunca tive o prazer de a conhecer my dear, rígida a orelha sairá por si do invólucro como todos os aviamentos marinhos e os produtos da casa Aa & C° a pastilha-elástica por exemplo e os cães têm olhos azuis, bebo chá de camomila e eles bebem vento, DADA introduz novos pontos de vista, agora as pessoas sentam-se aos cantos das mesas, em atitudes deslizadas um pouco para a esquerda e para a direita, e é por isso que estou zangado com Dada, exijam por todo o lado a supressão dos D, comam Aa, esfreguem-se com a pasta dentrífica Aa, vistam-se no Aa. Aa é um lenço e o sexo que se assoa, o desmoronamento rápido — de borracha — sem ruído, não precisa de manifestos nem de livro de moradas, dá 25% de desconto vistam-se no Aa que tem os olhos azuis.

O SENHOR AA O ANTIFILÓSOFO ENVIA-NOS ESTE MANIFESTO

Vivam os gatos-pingados da combinação!
Qualquer acto é um tiro de revólver cerebral — o gesto insignificante ou o movimento decisivo são ataques (abro o leque dos knockouts para destilar o ar que nos separa) — e, com as palavras depositadas sobre o papel, entro, com solenidade, para dentro de mim mesmo.
Cravo os meus 60 dedos na cabeleira das noções e sacudo com brutalidade a cortina, os dentes, os ferrolhos das articulações.
Fecho, abro, cuspo. Cuidado! Chegou o momento de vos dizer que menti. Se existe um sistema na falta de sistema — o das minhas proporções — nunca o aplico.
Ou seja, minto. Minto ao aplicá-lo, minto quando não o aplico, minto ao escrever que minto, porque não minto — porque vivi o espelho do meu pai — escolhi de entre as vantagens do bacarat — de cidade em cidade — porque o eu próprio nunca foi o eu próprio — porque o saxofone usa como rosa o assassinato do motorista visceral — é feito de cobre sexual e de boletins das corridas. E assim tamborilava o milho, o alarme e a pelagra aí onde crescem os fósforos.

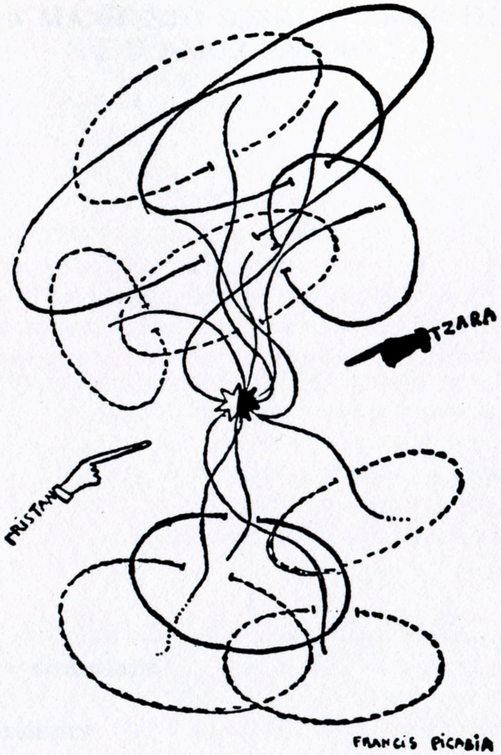
Exterminação. Sim, claro.
Mas não existe. Eu: mistura cozinha teatro. Vivam os maqueiros das convocações dos êxtases!
A mentira é êxtase — o que ultrapassa a dimensão dum segundo —

não há nada que não ultrapasse. Os idiotas chocam o século — passados alguns séculos recomeçam — os idiotas permanecem no círculo durante dez anos — os idiotas andam de baloiço no quadrante dum ano — eu (idiota) fico só cinco minutos.
A pretensão do sangue de fazer alastrar pelo meu corpo e pelo meu acontecimento o acaso da cor da primeira mulher que toquei com os olhos nesses tempos tentaculares. O mais amargo dos banditismos é o de acabar a frase pensada. Banditismo de gramofone, miragenzinha anti-humana de que gosto em mim — porque a acho ridícula e desonesta. Mas os banqueiros da linguagem hão-de receber sempre a sua percentagenzita sobre a discussão. A presença dum boxeur (pelo menos) é indispensável para o match — os filiados dum bando de assassinos dadaístas assinaram um contrato de auto-protecção para operações deste género. Eram em número muito reduzido — a presença dum cantor (pelo menos) para o duo, dum signatário (pelo menos) para o recibo, dum olho (pelo menos) para a vista, — era contudo absolutamente indispensável.

Metam a placa fotográfica do rosto no banho ácido.

As comoções que o sensibilizaram tornar-se-ão visíveis e hão-de surpreender-vos.

Enfiem um murro na vossa própria cara e caiam mortos.



DADA MANIFESTO SOBRE O AMOR DÉBIL E O AMOR AMARGO

I

preâmbulo = sardanápalo
um = mala
mulher = mulheres
calça = água
se = bigode
2 = três
bengala = talvez
depois = decifrar
irritante = esmeralda
vício = veio
outubro = periscópio
nervo = [redacted]

ou tudo isto junto numa ordenação qualquer saborosa, sabonosa, brusca ou definitiva — tirada à sorte — está vivo.

É assim que por cima do espírito vigilante do clergyman construído na esquina de todas as ruas animais, vegetais, imagináveis ou orgânicas, tudo é igual ao tudo não tem igual. Mesmo que eu não acreditasse, foi a verdade dos factos que pus no papel — porque se trata duma mentira que FIXEI no chapéu como se fosse uma borboleta.

A mentira circula — cumprimenta o Senhor Oportuno e o Senhor Có-

modo: faço-a parar, torna-se verdade.
Deste modo DADA encarrega-se da polícia a pedal e da moral em surdina.
Toda a gente (num dado momento) estava completa na cabeça e no corpo. Repetir isto 30 vezes.
Acho-me muito simpático.

Tristan Tzara

II

Um manifesto é uma comunicação feita ao mundo inteiro, em que não há outra pretensão que não seja a da descoberta do meio para curar instantaneamente a sífilis política, astronómica, artística, parlamentar, agronómica e literária. Pode ser doce, pachorrento, tem sempre razão, é forte, vigoroso e lógico.
A propósito de lógico, acho-me muito simpático.

Tristan Tzara

O orgulho é a estrela que boceja e entra pelos olhos e pela boca, carrega, afunda-se no peito traz escrito: hás-de morrer. Não tem outro remédio. Quem é que ainda acredita nos médicos? Prefiro o poeta que é um peido dentro duma máquina a vapor — é brando mas não chora — educado e semi-pederasta, vai nadando. Estou-me completamente nas tintas para os dois. É um acaso (que não é necessário) que o primeiro seja alemão e o segundo espanhol. Longe de nós, realmente, a ideia de descobrir a teoria da probabilidade das raças e o epistolário aperfeiçoado da amargura.

III

Erros cometeram-se sempre, mas os maiores erros são os poemas que se escreveram. A tagarelice tem uma só razão de ser: o rejuvenescimento e a manutenção das tradições da bíblia. A tagarelice é incentivada pela direcção geral dos correios que, ai, se aperfeiçoa, incentivada pela tabaqueira, pelas companhias de caminhos de ferro, pelos hospitais, pelas empresas funerárias, pelas fábricas de tecidos. A tagarelice é incentivada pela cultura das famílias. A tagarelice é incentivada pela esmola papal. Cada gota de saliva que se liberta da conversação transforma-se em ouro. Como os povos sempre precisaram de divindades para defender as 3 leis essenciais, que são as de Deus: comer, fazer amor e cagar, como os reis andam em viagem e as leis são demasiado duras, actualmente só a tagarelice conta. A forma que reveste com mais frequência é DADA.
Há pessoas (jornalistas, advogados, amadores, filósofos) que consideram que mesmo as outras formas: negócios, casamentos, visitas, guerras, congressos diversos, sociedades anónimas, política, acidentes, dancings, crises económicas, crises de nervos, são variações de dada.
Como não sou imperialista, não partilho dessa opinião — prefiro acreditar que dada é apenas uma divindade de segunda ordem que deve ser simplesmente colocada ao lado das outras formas do novo mecanismo das religiões de interregno.
A simplicidade, é simples ou é dada?
Acho-me bastante simpático.

Tristan Tzara

IV

A poesia, será necessária? Sei que os que mais alto gritam contra ela, sem saber, lhe destinam e lhe preparam uma perfeição confortável; — a isso chamam o futuro higiénico.
Há quem encare um aniquilamento (sempre iminente) da arte. Aqui, o que querem é uma arte mais arte. A higiene torna-se pureza meudeus, meudeus.

Teremos de deixar de acreditar nas palavras? Desde quando é que as palavras exprimem o contrário daquilo que o órgão que as emite pensa e quer? *

O grande segredo é este:

O pensamento faz-se na boca

Continuo a achar-me muito simpático.

Tristan Tzara

Disse um grande filósofo canadiano: A pensamento e a passado são também muito simpáticos.

---

* Pensa, quer e deseja pensar.

V

Um amigo meu, que é demasiado bom amigo meu para não ser muito inteligente, dizia-me um dia destes:

o sobressalto
o quiromante **NÃO É MAIS QUE A**
MANEIRA DE SE DIZER bom dia
boa tarde **E QUE**
DEPENDE DA FORMA QUE SE DEU
AO miosótis
cabelo

Respondi-lhe:

TENS RAZÃO idiota
príncipe **PORQUE**
ESTOU PERSUADIDO DO contrário
tártaro

naturalmente
hesitamos **NÃO TEMOS**

razão. Chamo-me
vontade de entender **O OUTRO**

Como a diversidade é divertida, este jogo de golf dá a ilusão duma "certa" profundidade. Mantenho todas as convenções — suprimi-las seria criar outras, coisa que nos complicaria a vida duma maneira verdadeiramente repugnante.

Deixaríamos de saber o que é chic: gostar dos filhos do primeiro ou do segundo casamento. O "pistilo da pistola" colocou-nos muitas vezes em situações estranhas e agitadas. *Desordenar* o sentido — desordenar as noções e todas as chuvinhas tropicais da *desmoralização*, *desorganização*, *destruição*, *carambolagem*, são acções seguras contra a trovoada e de reconhecida utilidade pública. Há um facto conhecido: já não se encontram dadaistas senão na Academia francesa. Contudo, acho-me muito simpático.

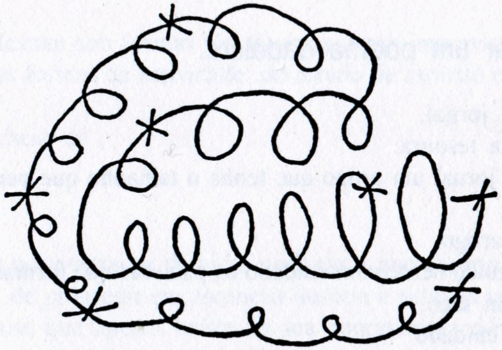
Tristan Tzara

VI

Parece que isto existe: mais lógico, muito lógico, demasiado lógico, menos lógico, pouco lógico, bastante lógico.
Pois bem, tirem as consequências.

— Já está:

Agora, chamem à recordação o ser de que mais gostam.
— Já está?
Digam-me o número que eu digo-vos a lotaria.



VII

A priori, ou seja, de olhos fechados, Dada coloca antes da acção e acima de tudo: *A Dúvida*. *DADA* duvida de tudo. Dada é tatu. Tudo é Dada. Desconfiem de Dada.

O anti-dadaismo é uma doença: a selfcleptomania, o estado normal do homem é DADA.
Mas os verdadeiros dadas são contra DADA.

O selfcleptómano.

O que rouba — sem pensar no seu interesse próprio, na sua vontade — elementos à sua individualidade é um cleptómano. Rouba-se a si próprio. Faz desaparecer os caracteres que o afastam da comunidade.

Os burgueses parecem-se uns com os outros — são todos iguais. Não eram parecidos. Ensinaram-lhes a roubar — o roubo tornou-se função — o mais fácil e menos perigoso é roubar-se a si próprio. São todos muito pobres. Os pobres são contra DADA. Têm muito que fazer com os respectivos cérebros. Nunca hão-de chegar ao fim. Trabalham. Trabalham-se — enganam-se a si mesmos — roubam-se — são muito pobres. Pobres. Os pobres trabalham. Os pobres são contra DADA. Quem é contra DADA está comigo, disse-o um homem ilustre, mas morreu logo a seguir. Teve um enterro de verdadeiro dadaista. Anno domini Dada. Desconfiem! E lembrem-se deste exemplo.

VIII

Para fazer um poema dadaista.

Pegue num jornal.
Pegue numa tesoura.
Escolha no jornal um artigo que tenha o tamanho que pensa dar ao seu poema.
Recorte o artigo.
Recorte seguidamente com cuidado as palavras que formam o artigo e meta-as num saco.
Agite com cuidado.
Seguidamente, retire os recortes um por um.
Copie conscienciosamente
segundo a ordem pela qual foram saindo do saco.
O poema parecer-se-á consigo.
E você tornou-se um escritor infinitamente original e duma sensibilidade encantadora, ainda que incompreendida pelo vulgo *

---

* *Exemplo*: quando os cães atravessam os ares dentro dum diamante como as ideias e o apêndice das meninges indica a hora do programa de despertar (o título é meu)
preços são ontem conveniente seguidamente quadros / apreciar o sonho época dos olhos / pomposamente que recitar o evangelho género obscurece-se / agrupa a apoteose imaginar diz ele fatalidade poder das cores / talhava abóbadas pasmado a realidade um encantamento / espectador todos de esforço da já não é 10 a 12 / durante a divagação reviravolta desce pressão / tornar de loucos fila indiana carnes sobre um monstruosa esmagador cena / celebrar mas os seus 160 adeptos em não nos colocado no meu nacarado / faustoso de terra bananas sustém iluminar-se / alegria perguntar reunidos quase / de à enquanto o invocava visões / canta a outra ri / destino situação desaparece descreve aquela 25 dança salvação / dissimular o todo deste não é foi / magnifica a ascensão ao grupo melhor luz cuja sumptuosidade cena me music-hall / reaparece segundo instante agita-se viver / negócios que não há emprestava / maneira palavras vem essa gente

IX

Há pessoas que explicam porque há outras que aprendem.
Suprima-as só fica dada.
Mergulhe a caneta num líquido negro com manifestas intenções — é apenas a sua autobiografia que está a chocar debaixo da barriga do cerebelo em flor.

Biografia é a tripulação do homem ilustre. Grande ou forte. E ei-lo, você em pessoa, homem simples como os outros, depois de ter mergulhado a caneta na tinta, cheio de

PRETENSÕES

que se manifestam sob formas tão diversas como imprevistas, aplicáveis a todas as formas de actividade, do estado de espírito e do estado de mímica;
Ei-lo, a si, cheio de

AMBIÇÕES

de se manter no mostrador da vida, no lugar a que chegou neste preciso instante, de progredir em ascenção ilusória e ridícula em direcção a uma apoteose que apenas existe na sua neurastenia: ei-lo cheio de

ORGULHO

maior, mais forte, mais profundo que todos.
Caros confrades: um grande homem, um pequeno, forte, fraco, profundo, superficial,
é por isso que vocês hão-de morrer todos.
Há quem tenha antedatado os seus manifestos para fazer crer que tinha tido um pouco mais cedo ideia da sua própria grandeza. Meus caros confrades: antes depois, passado futuro, agora ontem,
é por isso que vocês hão-de morrer.
Há quem tenha dito: dada é bom porque não é mau, dada é mau, dada é uma religião, dada é uma poesia, dada é um espírito, dada é céptico, dada é uma magia, conheço bem dada.
Meus caros confrades: bom mau, religião poesia, espírito cepticismo, definição definição,
é por isso que vocês hão-de morrer todos,
e morrem mesmo garanto-vos.

O grande mistério é um segredo, mas há algumas pessoas que o conhecem. Nunca dirão o que é dada. Para vos distrair ainda um pouco mais sempre vos digo qualquer coisa como:
dada é a ditadura do espírito, ou
dada é a ditadura da linguagem,
ou então
dada é a morte do espírito,
o que há-de agradar a muitos dos meus amigos. Amigos.

X

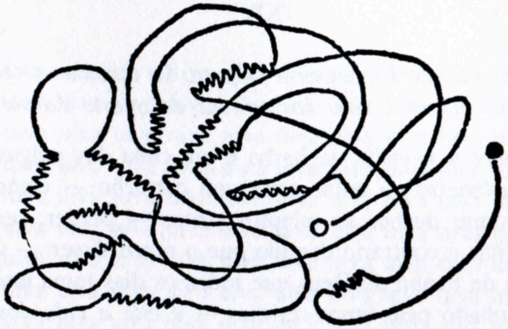
Não há dúvida de que, depois de Gambetta, da guerra, do Panamá e do caso Steinheil, a inteligência se encontra na rua. O inteligente tornou-se um tipo completo, normal. O que nos falta, o que apresenta interesse, o que é raro porque tem as anomalias dum ser precioso, a frescura e a liberdade dos grandes antihomens, é

O IDIOTA

Dada trabalha com todas as suas forças no sentido da instauração do idiota por toda a parte. Mas conscientemente. E ele próprio tem tendência a tornar-se cada vez mais idiota. Dada é terrível: não se enternece com as derrotas da inteligência. Dada é, antes de mais, cobarde, mas cobarde como um cão raivoso, não conhece método nem excesso persuasivo.
A falta de jarreteiras que faz com que se agache sistematicamente recorda-nos a famosa falta de sistema que no fundo nunca existiu. Essa notícia falsa foi posta a circular por uma lavadeira ao fundo da respectiva página, a página foi levada ao país bárbaro em que os colibris fazem de sandwichmen da natureza cordial.
Quem me contou isto foi um relojoeiro que tinha na mão uma suave seringa a que chamava, numa característica recordação dos países quentes, fleugmática e insinuante.

XI

Dada é um cão — um compasso — a argila abdominal — nem novo nem japonesa nua — gazómetro dos sentimentos às bolas — Dada é brutal e não faz propaganda — Dada é uma quantidade de vida em transformação transparente sem esforço e giratória.



XII

meus senhores minha senhoras é entrar é comprar e não leiam venham ver o homem que tem nas mãos a chave do niagara o homem que coxeia dentro duma caixa cheia os hemisférios dentro duma mala o nariz fechado dentro dum lampião chinês venham ver venham ver venham ver a dança do ventre no saloon de massachussets o homem que enfia o prego e o pneu esvazia-se as meias de seda da menina atlântida a mala que dá 6 vezes a volta ao mundo para chegar ao destinatário o senhor e a sua noiva o irmão e a cunhada vão encontrar a morada do marceneiro o relógio de sapos armado em corta-papel vão obter a morada da espinha menor para o sexo feminino e a morada do homem que fornece as fotografias obscenas ao rei da grécia bem como a morada da acção francesa.

XIII

DADA é um micróbio virgem
Dada é contra a vida cara
Dada
sociedade anónima para a exploração das ideias
Dada tem 391 atitudes e cores diferentes segundo o sexo do presidente
Transforma-se — afirma — diz simultaneamente o contrário — sem importância — grita — pesca à linha.
Dada é o camaleão da modificação rápida e interessada.
Dada é contra o futuro. Dada morreu. Dada é idiota. Viva Dada.
Dada não é uma escola literária, uiva

Tristan Tzara

XIV

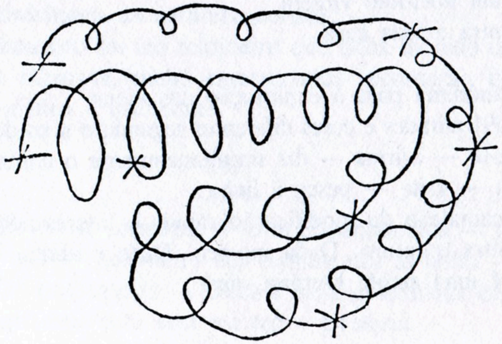
Maquilhar a vida no binóculo — manta de carícias — panóplia de borboletas, — *é esta a vida das criadas de quarto da vida.*

Deitar-se sobre a navalha da barba e em cima das pulgas no cio — viajar de barómetro — mijar como um cartucho — cometer gaffes, ser idiota, tomar duches de minutos santos — perder, ser sempre o último — gritar o contrário daquilo que o outro disser — ser a redacção e a casa de banho de Deus que todos os dias toma um banho em nós acompanhado pelo limpa-retretes — *é esta a vida dos dadaistas.*

Ser inteligente — respeitar toda a gente — morrer no campo da honra — subscrever títulos da Dívida Pública — votar em Fulano — o respeito pela natureza e pela pintura — berrar nas manifestações dada, — *é esta a vida dos homens.*

XV

DADA não é uma doutrina para ser posta em prática: Dada, — é para mentir: um negócio que corre bem. — Dada contrái dívidas e não vive agarrado ao colchão. Deus-nosso-senhor criou uma língua universal, e é por isso que ninguém o leva a sério. Uma língua é uma utopia. Deus pode dar-se ao luxo de não ser bem sucedido: Dada também. É por isso que os críticos dizem: Dada é um luxo ou Dada está com cio. Deus é um luxo ou Deus está com cio. Quem tem razão: Deus, Dada ou o crítico?
— "Você desvia-se", diz-me um simpático leitor.
— Olhe que não, de modo algum! Só queria chegar à conclusão: subscrevam Dada, o único empréstimo que não dá lucro nenhum.



XVI

uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva uiva
Quem se continua a achar muito simpático

Tristan Tzara

ANEXO

COMO ME TORNEI ENCANTADOR SIMPÁTICO E DELICIOSO

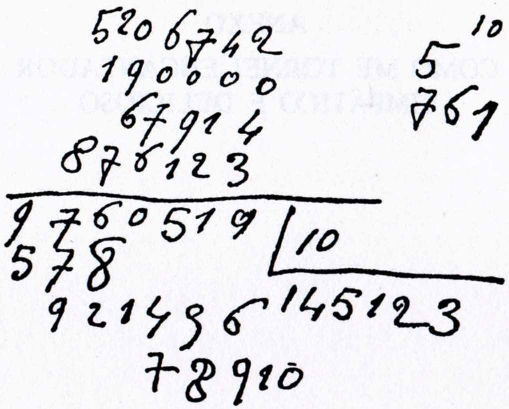
Durmo muito tarde. Suicido-me a 65%. A vida fica-me muito barata, para mim não é mais que uns 30% da vida. A minha vida tem 30% da vida. Faltam-lhe os braços, umas guitas e alguns botões. 5% são consagrados a um estado de estupor semi-lúcido acompanhado por crepitações anémicas. Estes 5% chamam-se DADA. Portanto a vida é barata. A morte é um bocadinho mais cara. Mas a vida é encantadora e a morte também é encantadora.

Aqui há dias, estava numa reunião de imbecis. Havia muita gente. Toda a gente era encantadora. Tristan Tzara, um personagem pequeno, idiota e insignificante, dava uma conferência sobre a arte duma pessoa se tornar encantadora. Era, aliás, encantador. Toda a gente é encantadora. E espiritual. É delicioso, não é? Aliás, toda a gente é deliciosa. 9 graus abaixo de zero. É encantador, não é? Não, não é encantador. Deus não está à altura. Nem sequer vem na Lista. Mas mesmo assim é encantador.

Os embaixadores, os poetas, os condes, os príncipes, os músicos, os jornalistas, os actores, os escritores, os diplomatas, os directores, os costureiros, os socialistas, as princesas e as baronesas, é tudo encantador.

Vocês, todos vocês, são encantadores, muito finos, espirituais e deliciosos.

É Tristan Tzara quem vos diz: gostava bastante de fazer outra coisa,



mas prefere continuar a ser idiota, um farsante e um aldrabão.
Sejam sinceros, por um instante: o que acabo de vos dizer, é encantador ou idiota?
Há pessoas (jornalistas, advogados, amadores, filósofos) que julgam que mesmo os negócios, os casamentos, as visitas, as guerras, os diversos congressos, as sociedades anónimas, a política, os acidentes, os dancings, as crises económicas, as crises de nervos, são variações de dada. Como não sou imperialista, não partilho dessa opinião; prefiro acreditar que dada é apenas uma divindade de segunda ordem, que deve ser simplesmente colocada ao lado das outras formas do novo mecanismo das religiões de interregno.
A simplicidade, é simples ou é dada?
Acho-me bastante simpático.

Tristan Tzara

SILOGISMO COLONIAL

Ninguém consegue escapar ao destino
Ninguém consegue escapar a DADA

Só DADA vos pode fazer escapar
ao destino.

V. deve-me: FR. 943.50

Basta de bêbados!
Basta de aeroplanos!
Basta de vigôr!
Basta de vias urinárias!
Basta de enigmas!

PASTICHE

PASTICHE = SANDWICHE DE PASTA DE PATO
OU
MANIFESTO DADA SI DADA

I

Nenhuma sandwiche é completa!
Nenhum pato no martírio dos hospitais!
Hão-de desculpar-me — justificação, claro está, auto (também retrato) — tenho ouvido dizer frequência crescente que a auto fica mal aos artistas — mas tenho pouco tempo para isto. Ler/voltar-a-escrever/tartamudear/escrever manifestos — além disso já se não usa — a segunda guerra mundial acabou com um tas de choses. E o que não acabou devia ter acabado. Tal como acontece que apareça sempre mais um, só, só, capaz de dizer em jeito de auto-citação (também retrato, justificação) que chegou a altura de voltar a escrevê-los. Tartamudear é que não porque é palavra caída em desuso. Tendo pouco tempo e porque aliás me acho pouco/muito/bastante/desbastante simpático/não pático sempre vos digo que ando pardalantemente às vezes outras não outras com saboroso élan, ah sim, entre o bife e a pintura. Como calculam tenho muito que fazer: a preparar-me para ser digerido.
Quanto ao mau gosto, façam favor, por mim simpáticonão tenho um saco e no saco o meto juntamente com o bom. E o gato. E a pilinha do pato. Pato era o anti-filhósofo, o anti-pirético das ocupações feéricas — palavras, palavras que se ouvem em média duas vezes ao dia, casualmente à noite. Adoro as repetições e também alguns ensaios. A moda da mulinex pegou: toma-se um pato, dois, os patos todos, se

possível, aplica-se a mulinex bem ao centro, se possível, mistura-se tudo, publica-se, se possível, e obtem-se um ensaio. Há sempre alguém pronto para a perspicácia que é uma espécie de imunodeficiência adquirida e dirá: este ensaio tem um fundo Quáquá.

E porque Tristão, o anti-filhósofo, era pato vogava claramente na baía, umas quantas vezes por verão e saía aos ombros do primeiro atleta rumo ao telhado. No terraço Voltaico rapavam todos das máquinas de filmar enquanto o pato-pato se ia afastando em direcção ao norte — de comboio.

No final destas sessões é costume virarem-se uns para os outros e alegremente Quáquá.

Qualquer anti-cardiologista sabe que concordar é uma doença do coração. Como desempenho menos mal — e muito simpaticamente até talvez com imenso charme/caçadeira — o papel de banqueiro da linguagem página tal e tal, não concordo nada/tudo/rapa com o pato. Não concordar é outra doença do coração mas mais perigosa porque também é uma doença do gosto. Concordo que sou bandido (charme/caçadeira) às vezes quando acabo a frase pensada, página tal e nove. Mas com o banditismo do pato-pato ou do pato-pato-pato podem eles bem — os médicos, os filhósofos, os pintores, os jornalistas, outra vez, os jornalistas, os psicólogos, toda a gente, sobretudo esses, os simpáticos — burgueses já não há. Chegou, pois, o momento de neo-construir.

Vivam as Brigadas Pink da neo-construção!

Vivam as empresas de segurança e as Pop Forces do bâtiment azul!

Professores e patos-bravos de todos os países, uni-vos!

Fica assim! (eis a palavra de ordem dos nossos, os patos-patos-patos)

Mas há mais, apesar da falta de tempo, porque continuo a achar-me isso que vocês já sabem.

II

Sobre a estrutura do pato há que dizer transformação.

Vejamos. Um manifesto (podia-se começar já e falar de mini-festa) é uma comunicação (ah! ah!) feita ao mundo inteiro (o pato é um pândego), em que não há outra pretensão que não seja a da descoberta (é tão bom lembrar estas coisas) do meio para curar instantaneamente a sibilina Invertida Dadaistico – Atlética (doença mortal do espírito das modistas e depiladoras), política, artística, literária e anti-filhosófica. Pode ser doce, pachorrenta, sobretudo patusco, tem quase sempre uma quase total falta de pretensão e uma travessa de ervilhas; é forte, só tem um olho e fica assim, quase (voz off: quáquá).

III

Posto isto, resta falar da ARTE. Foi para isso que me convidaram, para vos falar de doenças. Mas o acaso tem coisas destas: estou com fome e o bife espera-me. Portanto não tenho tempo. Também não tenho pachorra.

Hoje.

J.M.J.
pato-pato-pato

ÍNDICE

9. Manifesto do Senhor antipyrina
11. Manifesto Dada 1918
21. Proclamação sem pretensão
25. Manifesto do Senhor AA o antifilósofo
29. Tristan Tzara
33. O Senhor AA o antifilósofo envia-nos este manifesto
37. Dada manifesto sobre o amor débil e o amor amargo
49. Anexo. Como me tornei encantador simpático e delicioso
51. Silogismo colonial
55. *Pastiche*